

**Fernando Pessoa, leitor de Schiller:
Uma aproximação à língua alemã**

Claudia J. Fischer
Universidade de Lisboa

‘Twas not my nectar made thy strength divine,
But ‘twas thy strength which made my nectar thine!
Friedrich Schiller¹

O especial interesse que Fernando Pessoa nutria pela cultura alemã reflectiu-se numa produção ensaística bastante significativa sobre o assunto, objecto de alguma investigação por parte da comunidade científica dedicada aos estudos pessoanos². Da sua leitura cuidada dos filósofos alemães, em especial de Kant, Nietzsche e Schopenhauer, evidenciam-se inequívocos sinais que atravessam a produção do ortónimo e de vários heterónimos³. No que respeita à literatura alemã, a atenção de Pessoa volta-se primariamente para Johann Wolfgang Goethe, que ocupa um lugar de destaque nas suas reflexões teóricas sobre a literatura europeia. Logo no primeiro ensaio crítico publicado por Pessoa⁴, “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”, em cuja 7ª secção disserta sobre as diferenças entre a obra filosófica e a

¹ Epigrama “Zeus zu Herkules”, na tradução de Edward Bower Lytton, assinalado à margem por Fernando Pessoa, (Schiller 1852, 221). Este livro consta da biblioteca particular de Pessoa, albergada na Casa Fernando Pessoa, tendo sido catalogado com a cota CFP 8-496. Doravante, quando se fizer referência a um livro existente nesta biblioteca, será indicada a cota correspondente, sem mais explicações.

² Refira-se, a título de exemplo, o artigo de Pizarro (2006), decorrente de uma apresentação no simpósio *A presença da cultura alemã em Fernando Pessoa*, realizado a 15 de Novembro de 2005 no Goethe-Institut de Lisboa. Este pequeno simpósio viu essencialmente tratadas questões como a recepção de Fernando Pessoa nos países de língua alemã (pela mão do editor Egon Amman) e a ligação de Pessoa à filosofia (apresentação de Richard Zenith), nomeadamente de Schopenhauer (apresentação de Steffen Dix). No seu artigo, Pizarro concentra-se na representação da Alemanha e dos alemães na obra de Pessoa, cujos testemunhos se inserem principalmente no período de 1914-1918, evidenciando escritos de António Mora como, por exemplo, a “Dissertação a favor da Alemanha”. Para uma leitura dos textos de Mora sobre a Alemanha e os alemães, consulte-se Pessoa (2002: 350-366). Digno de menção, neste contexto, é também o artigo de António Sousa Ribeiro, publicado em 2005 na revista *Portuguese Studies* e intitulado “‘A tradition of empire’: Fernando Pessoa and Germany”.

³ Referimo-nos a Ricardo Reis, Álvaro de Campos, António Mora, Bernardo Soares e, num fragmento datável de 1906 em que cita Schopenhauer em inglês, ao proto-heterónimo Charles Robert Anon. (Cf. Pessoa 1968:128).

⁴ Na revista *A Águia*, nº 4, Abril de 1912 (Pessoa 2000a: 36-67).

obra poética⁵, Goethe é apresentado como “romântico representativo”, na medida em que se revela como “panteísta materialista” (2000a: 63). Dois anos depois, Pessoa encerra a “Resposta ao inquerito «O mais belo livro dos últimos trinta anos»”, publicado na *República*, com a seguinte exaltação da obra-prima de Goethe: “(...) a meu ver, a *Pátria* [de Guerra Junqueiro] forma, com o *Fausto* de Goethe e o *Prometeu Liberto* de Shelley, a trilogia de grandeza da poesia superlímica moderna” (2000a: 93). De que esta admiração pelo escritor alemão não se confina aos anos de juventude de Pessoa, temos a prova numa afirmação peremptória, e ainda mais radical, inserida no seu artigo “Associações secretas”, publicado meses antes da sua morte, a 4 de Fevereiro de 1935, no *Diário de Notícias*: “(...) devemos à Maçonaria a maior obra de literatura moderna – o *Fausto*, do maçom Goethe.” (2000a: 513)⁶.

Perante estas tão veementes aclamações da obra do poeta alemão, coloca-se a inevitável questão: Quanto desta língua sabia efectivamente Fernando Pessoa para poder pronunciar-se sobre a qualidade literária da sua obra em particular e de outros textos poéticos alemães sobre os quais emite juízos de valor ao longo da sua vida? Um olhar rápido sobre os títulos constantes da sua biblioteca particular⁷ torna claro que Pessoa lia os autores alemães em traduções inglesas e francesas. Contudo, um escrutínio mais atento da sua biblioteca e dos seus apontamentos revela que o acompanharam ao longo da sua vida não só uma vontade mas também algumas tentativas concretas de enveredar pelo estudo da língua alemã, no intuito de fazer justiça à sua própria imposição formulada por volta do ano de 1912:

Um grande poeta retórico ou epigramático pode ser lido em tradução, sendo ela boa; quem não sabe a língua, escusa, havendo essa boa tradução, de por tão pouco a estudar. Mas quem quiser ler um poeta lírico não pode aceitar tradução nenhuma, por fiel que seja à alma do poeta. Tem de aprender a língua em que a poesia foi escrita. (Pessoa 1973: 322).

⁵ “Na obra de filosofia a forma nada vale: a ideia é tudo. Na obra de poesia a ideia e a forma estão ligadas numa dupla unidade, unidade *imaginativa*, isto é, unidade que vem da fusão da emoção e da ideia que em sua essência é o acto de *imaginar*.” (Pessoa 2000a: 61).

⁶ Refira-se, a título de complementaridade, um texto intitulado “Goethe”, de 1932, no qual Pessoa desenvolve uma definição do “homem de génio” (Pessoa 1966: 121). A propósito da importância de Goethe para Pessoa, leia-se também a entrada “Goethe, J. W.”, assinada por Steffen Dix, no *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (Dix 2008:313).

⁷ Albergada na Casa Fernando Pessoa e cujo catálogo se encontra publicado em Pizarro, Ferrari, Cardiello (2010).

Sabendo-se que Fernando Pessoa nunca dominou a língua alemã, pretende-se, neste estudo, delinear o percurso da sua relação com esta língua e o modo como ela se liga à sua leitura de um autor que, embora em muito menor escala que Goethe, emerge nalguns pontos da actividade de Pessoa enquanto leitor crítico: Friedrich Schiller.

Atendendo à sua biblioteca, o primeiro contacto que Pessoa teve com palavras alemãs foi, ainda em Durban, muito provavelmente através da leitura de Thomas Carlyle, numa edição de 1903, assinada e datada por Pessoa (cf. fig.1), da obra *Sartor Resartus*.⁸

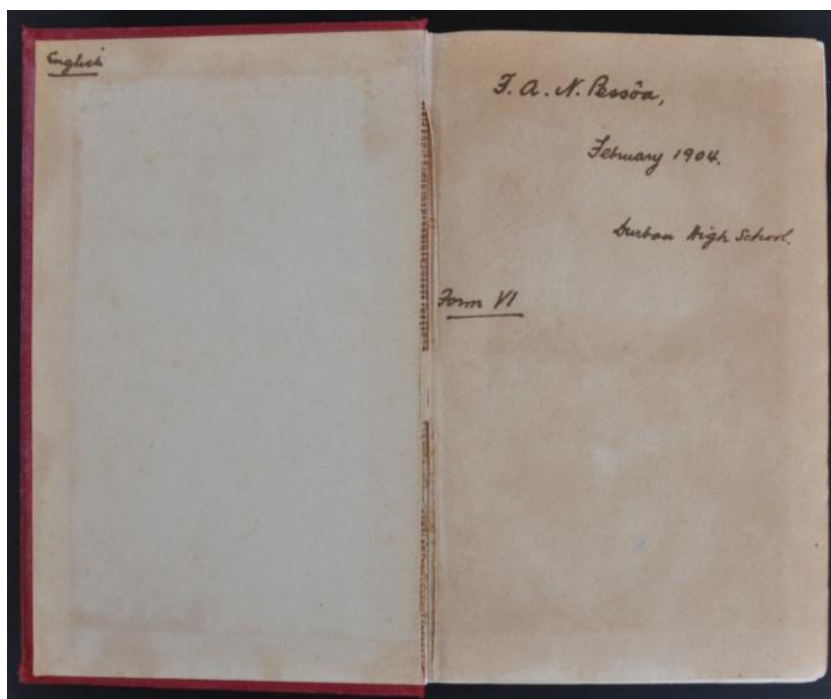


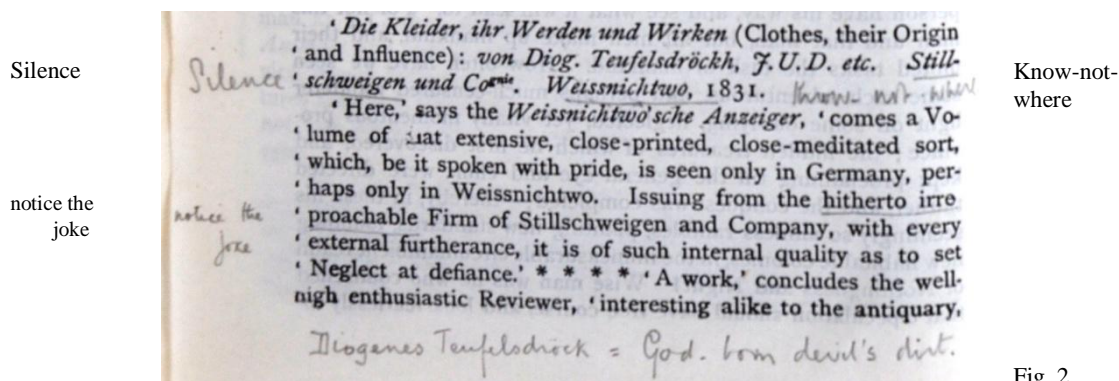
Fig.1

Esta leitura, realizada na aula de inglês durante o último ano do liceu (*Form VI*), terá um efeito marcante sobre Pessoa, possivelmente inspirando-o para a composição do seu *Erostratus*, escrito depois de 1929⁹ e onde desenvolve as suas teses sobre a disposição de algumas obras ou autores para a celebridade póstuma. Porém, o que neste

⁸ (CFP, 8-89). Esta edição inclui também outros dois livros: *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* e *Past and Present*.

⁹ Datação recolhida em Pessoa 2000b. No seu prefácio ao conjunto de ensaios incluído neste volume, Richard Zenith menciona a possível influência que a leitura juvenil desta obra de Carlyle teve sobre a criação deste texto. (Pessoa 2000b: 13).

momento nos atém aqui é o seu interesse pelas palavras alemãs utilizadas por Carlyle, manifestado no facto de as ter sublinhado e traduzido à margem (cf. fig. 2).



Diogenes Teufelsdröck = God-born devil's dirt.

Fig. 2

Trata-se do primeiro e, infelizmente, último registo de uma tradução do alemão feita por Pessoa e que sobreviveu até aos nossos dias no seu espólio e na sua biblioteca. Como veremos mais adiante, podemos porém inferir que, no contexto das suas leituras de Schiller, existiram outras tentativas de tradução do alemão.

Carlyle, renomado e entusiástico divulgador da literatura alemã no seu país natal, tendo especificamente reconhecido a sua predilecção por Schiller¹⁰, foi assim muito provavelmente o autor que despertou a curiosidade do jovem Pessoa pela língua e literatura alemãs¹¹.

Já regressado a Lisboa, Pessoa, agora com 17 anos, matricula-se no Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa, iniciando as suas aulas a 2 de Outubro de 1905. Uma das cadeiras em que se inscreve, sinteticamente designada "English" no seu diário desse ano, abrange o estudo das línguas e literaturas alemã e inglesa, sendo leccionada pelo professor Alfredo Apell (cf. Prista 2001). O estudo exaustivo de Prista

¹⁰ Interesse que veio a dar frutos na sua obra *The Life of Schiller*, publicada durante os anos 1823 e 1824 em fascículos do periódico *The London Magazine* e, em 1825, editada em livro. Carlyle batia-se no seu país por uma justa dignificação deste autor, nomeadamente através da defesa de boas traduções, como se pode ler nesta carta a George Boyd, datada de 1 de Janeiro de 1825: "Excepting Goethe, Schiller is undoubtedly the greatest man among the Germans; in this country he is considered the greatest without any exception. Of his works not one line (excepting *Wallenstein* by Coleridge) has been tolerably translated." (Carlyle 2007).

¹¹ Refira-se aqui apenas a título de curiosidade que a capacidade de Carlyle de entusiasmar os seus leitores para a aprendizagem da língua alemã não se ficaria apenas por Pessoa. Jorge Luís Borges, que dedicou uma grande parte das suas investigações às culturas e literaturas germânicas, conta na sua autobiografia que aprendeu alemão movido pela leitura desta mesma obra de Carlyle: "On my own, outside of school, I took up the study of German. I was sent on this adventure by Carlyle's *Sartor*, which dazzled and also bewildered me." (Borges 1970: 215-216).

sobre este período da vida de Pessoa demonstra – ao contrário do que rezam as biografias – que Pessoa era um estudante relativamente assíduo, tendo reprovado o primeiro ano apenas por ter faltado aos exames de Julho, por motivo de doença que se arrastava desde os finais de Maio de 1906. Como se pode comprovar nalguns passos do seu diário, seguido em inglês, as matérias leccionadas no Curso não lhe despertam particular interesse:

March 21st: First day in Curso after holiday - Geography and English – dull and stupid day. (...) March 24th: Curso – History; dull though Ramos¹² is amusing. (...) March 27th: Curso: Geography and English. A day dull, as usual. (Pessoa 2009: 257/258).

Embora nesse primeiro ano lectivo ainda não estivesse matriculado na cadeira de Filosofia (na qual veio a inscrever-se no ano seguinte), era nesta área que encontrava a sua maior fonte de satisfação intelectual. A 15 de Março de 1906, na primeira entrada do seu diário respeitante ao período como estudante do Curso, refere que depois de sair das aulas se deslocou à Biblioteca Nacional para ler a *Lógica* de Aristóteles. A 17 de Março, lê o *Organon* do mesmo autor, a 20 de Março menciona o seu projecto “*Metaphysics*” e no dia 24 de Março, requisita na Biblioteca Nacional *History of European Philosophy*, de Alfred Weber, debruçando-se sobre alguns filósofos pré-socráticos. A 20 de Abril de 1906, apesar da alegada falta de tempo para se dedicar às matérias curriculares, lança-se à leitura de Kant e, nesse mesmo dia, muito naturalmente motivado por essa leitura, decide começar a aprender alemão:

(...) began reading “Critique of Pure Reason”, in the French Translation by Barni (...) Have three dissertations to do for the Curso; this will take time which is precious. Have to finish many little poems yet fragmentary. Began to learn German.” (Pessoa 2009: 260).

O início da aprendizagem do alemão aqui referido pode, no entanto, ter-se dado mais cedo, como podemos depreender de uma folha solta encontrada no espólio de Pessoa. Na entrada de 22 de Março de 1906 do seu diário, regista o esforço e a relutância com que escreve um trabalho de casa sobre o *Misanthropo* de Molière:

(...) walked out and came back at 9 p.m. Afterwards wrote dissertation on Alceste, Philinte and Célimène for Curso, French Class. Stayed up till 2.30 with this confounded thing. Always do things at the last moment. (Pessoa 2009: 257).

¹² Manuel M. de Oliveira Ramos, professor de História do Curso Superior de Letras (Cf. Prista 2001:161).

Ora, na margem esquerda da folha que guarda a referida dissertação sobre o *Misanthropo*, vemos que Pessoa já conjugara o verbo “ser” em alemão. (Cf. fig. 3).¹³

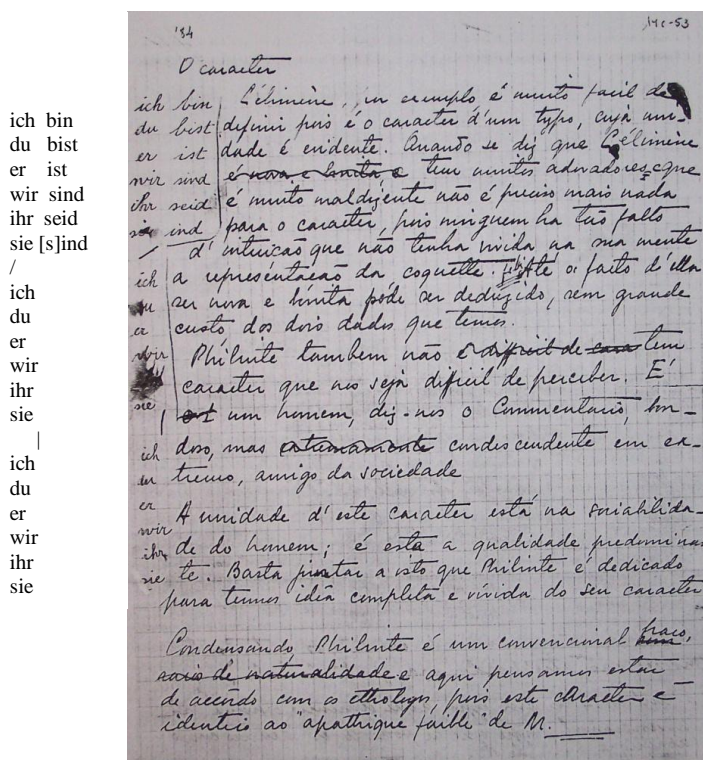


Fig. 3

A 27 de Abril, ainda constrangido pela falta de tempo, prossegue a sua leitura de Kant, mas já lamenta a sua interrupção do estudo de alemão: “Have been reading (though no time to-day, the “Critique of Pure Reason”, in the French Translation by Barni. (...) Had no time this week to go on with German.” (Pessoa 2009: 260). Porém, a 11 de Maio do mesmo ano, os seus modestos conhecimentos do alemão já lhe oferecem condições, ainda que com dificuldade, para a leitura de um pequeno poema no original, não de Goethe mas de Schiller:

Began reading seriously all the books I had read in childhood and boyhood, uselessly enough. Read Byron “Childe Harold” – Cantos I e II, “Hebrew Melodies”, Keats’ “St. Agnes Eve”, the first chapters of Lombroso’s “Homme Criminel” and 1 small poem of Schiller’s (translated with difficulty, for I am but beginning to learn German). (Pessoa 2009: 261) (Cf. fig. 4¹⁴).

¹³ (BNP/ E3, 14-53^r). Sigla que diz respeito à cota do espólio de Pessoa, à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal. Quero neste ponto expressar o meu agradecimento a Patricio Ferrari e Jerónimo Pizarro que me facultaram as cotas de vários documentos aqui referidos, bem como as respectivas cópias digitais, facilitando-me o trabalho de recolha.

¹⁴ (BNP / E3, 13A-50^r).

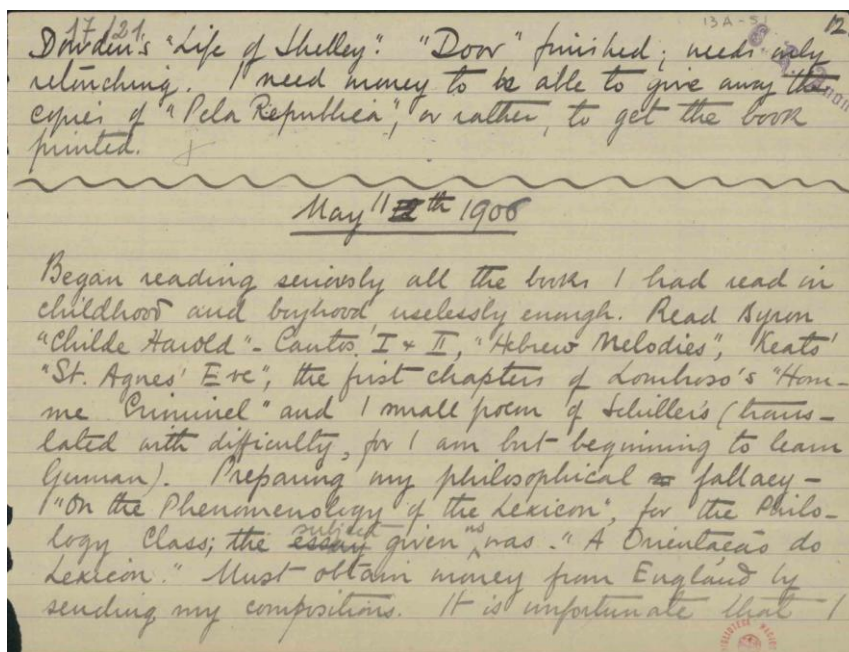


Fig. 4

Não sabemos de que poema se trataria pois, infelizmente, a tentativa de tradução não aparece nem no seu espólio nem nalguma página dos seus livros ainda conservados na biblioteca particular de Pessoa, mas esta pequena entrada no seu diário permite observar como da vontade de aprender o idioma alemão, aparentemente movida pela leitura de filosofia alemã, nasce um conhecimento que Pessoa imediatamente aplica na sua aproximação à poesia alemã no original. Neste período, o seu interesse por Schiller não se limitava, contudo, à leitura da sua poesia. Num caderno datado de c. 1907¹⁵, Pessoa, na sequência do seu contacto com os conteúdos do ensaio de Schiller "Über naive und sentimentalische Dichtung" (Sobre poesia ingénuo e sentimental), estabelece uma classificação altamente elaborada das características do cérebro humano nas suas diversas combinatórias ("clearness", "intensity" e "extension"), fazendo-lhes corresponder as categorias schillerianas de poeta "naive" e "sentimental" (Pessoa 2006: 192). O contexto destas esquematizações é uma das suas muitas reflexões sobre loucura e génio¹⁶, esta última uma temática que também foi objecto de reflexão de Schiller nalguns passos da sua obra filosófica e, como veremos, também poética. Quanto às cartas de Schiller *Sobre a Educação Estética do Homem*, uma nota guardada no

¹⁵ (BNP / E3, 144 Z), transcrito na íntegra em Pessoa 2006: 175-198.

¹⁶ Como se vê pelo título, todo o conteúdo do volume em que estão inseridas (Pessoa 2006) diz respeito a esta temática.

espólio¹⁷ (provavelmente relacionada com as matérias do curso), prova que Pessoa também as conhecia, citando o título do ensaio e acrescentando a seu propósito a seguinte observação: “Schiller um dos artistas mais conscientes, propoz-se o problema: o que é a arte? o que é o artista.”

Com fulgor de iniciativa, Pessoa inicia, no ano de 1906, um “Caderno de Allemão ou de lingua parecida”.¹⁸ (Cf. fig. 5).

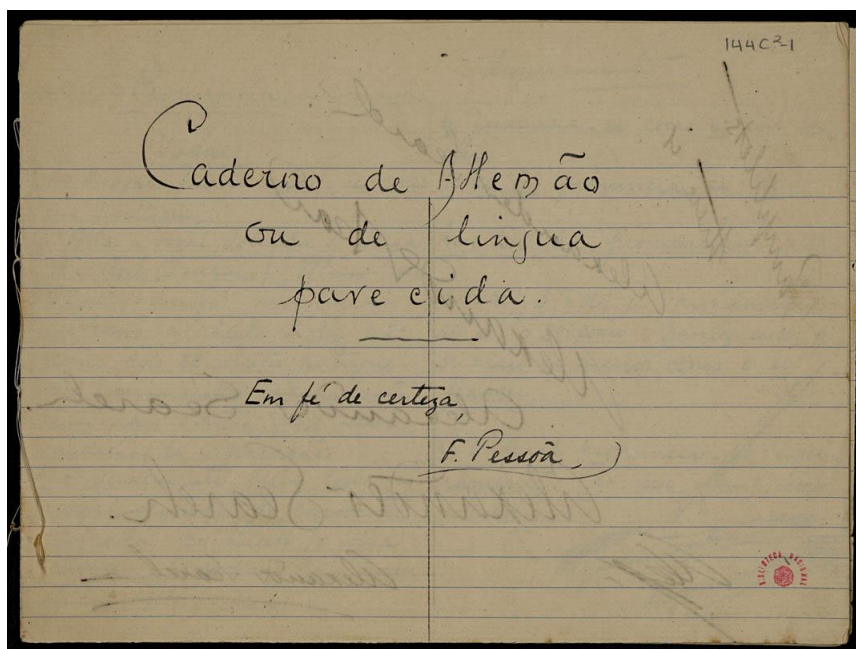


Fig. 5

A cerimoniosa epígrafe inscrita na capa do caderno “Em fé de certeza” não deixa dúvidas quanto à sua determinação em aprender o alemão. Quanto à “língua parecida”, o interior do caderno não nos apresenta quaisquer exemplos. Além de fragmentos poéticos ou filosóficos em inglês (que não é obviamente a língua parecida) e de diferentes exercícios caligráficos da assinatura de Alexander Search, o caderno contém uma página em que Pessoa faz anotações sistemáticas sobre fonética alemã: o modo como se pronunciam as vogais, comparando-as com as vogais do português, do inglês e

¹⁷ (BNP E3, 14⁵-82^r).

¹⁸ (BNP E3, 144C²).

do francês, bem como a sua classificação – importante para a escanção de poesia – em vogais longas e curtas (cf. fig.6¹⁹).

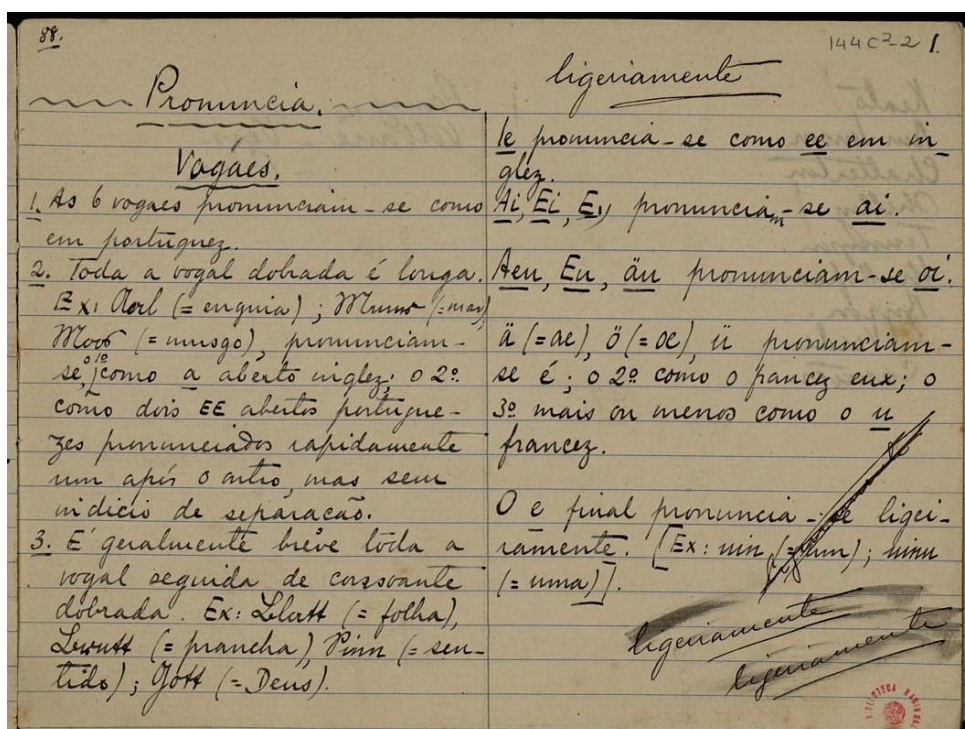


Fig.6

Pronuncia. Vogaes.	ligeiramente
1. As 6 vogaes pronunciam-se como em português.	<i>Ie</i> pronuncia-se como <i>ee</i> em inglês. <i>Ai, Ei, Ey</i> , pronunciam-se <i>ai</i> .
2. Toda a vogal dobrada é longa. Ex: <i>Aal</i> (= enguia); <i>Meer</i> (= mar); <i>Moos</i> (= musgo), pronunciam-se, o 1º como <i>a</i> aberto inglês; o 2º como dois <i>EE</i> abertos portugueses pronunciados rapidamente um após o outro, mas sem indicio de separação.	<i>Aeu, Eu, äu</i> pronunciam-se <i>oi</i> . <i>ä</i> (= <i>ae</i>), <i>ö</i> (= <i>oe</i>), <i>ü</i> pronunciam-se <i>é</i> ; o 2º como o francês <i>eux</i> ; o 3º mais ou menos como o <i>u</i> francês.
3. É geralmente breve toda a vogal seguida de consoante dobrada. Ex: <i>Blatt</i> (= folha), <i>Brett</i> (= prancha), <i>Sinn</i> (= sentido); <i>Gott</i> (= Deus).	O <i>e</i> final pronuncia-se ligeiramente. (Ex: <i>ein</i> (= um); <i>eine</i> (= uma)).
	<i>ligeiramente</i> <i>ligeiramente</i>

O rigor e a precisão com que são descritos os diferentes sons da língua, a par do facto de Pessoa escrever os exemplos alemães na grafia caligráfica alemã (exclusiva à

¹⁹ (BNP E3,144C² - 2^r), transcrito em Pessoa 2009: 287. Confrontando com o manuscrito, verifico duas falhas na transcrição que corrigi: No ponto 2. da primeira coluna, é “o 1º” e não “o/o”. Na segunda coluna, segunda linha, é “Ey” e não “E”, como está na edição.

língua alemã e hoje caída em desuso), revelam que, já no ano de 1906, Pessoa tinha tido acesso a compêndios de língua alemã. Contudo, de acordo com o seu acervo bibliográfico, só após 1912 Pessoa adquiriu um pequeno manual inglês de língua alemã: *German Self-Taught by the Natural Method, with Phonetic Pronunciation. Thimm's System*²⁰. Editado em 1913 e adquirido na livraria em que Pessoa tinha por hábito comprar os seus livros ingleses²¹, a compra deste manual comprova que, mesmo depois de 1912, Pessoa ainda não tinha abdicado do seu antigo desejo de aprender alemão²². As primeiras páginas dedicadas à fonética apresentam *marginalia* de Pessoa com as vogais equivalentes portuguesas aos grafemas alemães “ä” e “e”.

Ficavam alguns anos para trás os dias em que Pessoa tentara traduzir um pequeno poema de Schiller, quando, precisamente no ano de 1913, o aspirante a tradutor de alemão elabora uma lista de 26 títulos, encabeçada “Anthologia”, em que o único autor alemão elencado é Schiller, com o poema “O Sino”²³. Tratar-se-á de um dos muitos projectos editoriais de Pessoa? Será que, nessa altura, a sua ideia era a de vir a traduzir esse poema a partir do original? A escolha desta particular balada composta em 1799 reveste-se de interesse, visto tratar-se de um poema que se evidencia por uma cadência muito acentuada que poderá ter atraído Pessoa.²⁴ Coloca-se porém a questão: Onde e em que livro terá Pessoa lido “O Sino” de Schiller antes de 1913? Não parece ter sido num exemplar que lhe pertencesse, visto que apenas dois livros com poemas de Schiller constam de inventariações da sua biblioteca: *The Poems and Ballads of Schiller*, editado e traduzido por Sir Edward Bulwer Lytton, numa edição de 1852 mas apenas adquirido por Pessoa em 1918, e *Die hundert besten Gedichte der deutschen*

²⁰ (CFP, 8-215).

²¹ O livro apresenta uma etiqueta na contracapa: “M. Lewtas & Taboada – The only English library, Rua do Arsenal, 138 – 144, Lisboa”.

²² Por volta destes anos, a referência à língua alemã também lhe chega da parte do seu amigo Mário de Sá-Carneiro. Numa carta de 1916, em plena guerra que opunha a Alemanha à França e mais tarde também a Portugal, este conta-lhe que se encontrara com o amigo Araújo num café de Paris e que ambos tinham mantido uma conversa em alemão, tendo os outros fregueses pedido para eles se calarem. (Cf. Sá-Carneiro 1979: 157). De acordo com uma biografia de Sá-Carneiro publicada por Figueiredo (1983), aquele teria aprendido alemão nos tempos de liceu, tendo, em Junho de 1909, feito uma tradução da balada de Schiller “Der Handschuh” (A luva), transcrita em Figueiredo (1983: 238-241). Chamou-me a atenção para estas informações o artigo de Barrento (1986) sobre as origens alemãs do sensacionismo português.

²³ (BNP / E3, 48-4 e 48-5); e transcrição em Saraiva 1996: 36.

²⁴ Numa outra lista de traduções a fazer, possivelmente de 1923, (transcrita em Saraiva 1996:33-34), Pessoa indica o poema “Os Sinos de Edgar Poe” que também se evidencia por uma rítmica muito acentuada.

Sprache. Lyrik, não bilingue, editado por Richard Moritz Meyer em 1909, sendo que apenas o primeiro contém o poema.

De qualquer modo, estes dois livros merecem a nossa particular atenção. A antologia de poesia alemã editada por Meyer, que integrava a biblioteca pessoal após a sua morte, tendo sido inventariada em diferentes momentos, mas que infelizmente se encontra extraviada (cf. Ferrari 2009: 161, n. 11), teria para nós particular interesse, em virtude de incluir tentativas de tradução interlineares de poemas de Goethe e de Heine (cf. Lind, s.d. e Coelho 1971: I, 38). Trata-se de uma coleção de poemas líricos alemães que se estendem desde o século XVI (Anónimos e Martin Luther) até à época contemporânea, sendo o último de Friedrich Nietzsche (“Venedig”). Editado por uma associação de casas editoriais de Berlim (Weicher), Paris (Perche), Bruxelas (Spineux & Cie), Lausanne (Frankfurter), Londres e Glasgow (Gowans & Gray), o seu principal objectivo era possivelmente a sua aplicação nos programas de ensino da literatura alemã na Alemanha e além fronteiras. No exemplar pertencente a Pessoa, a primeira de muitas reedições, Schiller encontra-se representado com cinco poemas: “An die Freude”, “Die Götter Griechenlands”, “Dithyrambe”, “Nenie” e “Reiterlied aus *Wallenstein*”²⁵. Dado que, de acordo com a descrição de Lind e de Coelho, o livro não estava rubricado por Pessoa, a esperança de que venha a reaparecer vê-se reduzida e provavelmente nunca se saberá a que nível dominava nessa altura a língua alemã.

Quanto à coleção das baladas e poemas de Schiller editada e traduzida por Sir Edward Lytton²⁶, assinada por Pessoa e, contrariamente à sua prática habitual, com inscrição da data de aquisição, 19-9-1918, já nos pode, graças às marcas nele deixadas, fornecer importantes pistas para a compreensão da sua recepção da obra poética de Schiller. Tratando-se de uma versão em língua inglesa sem disponibilização do original, Pessoa estava, neste caso, completamente condicionado pelas opções tradutológicas de Lytton.

Contemporâneo de Carlyle e mesmo seu amigo²⁷, Lytton partilhava com este a paixão por Schiller e, como se pode depreender da correspondência publicada entre

²⁵ Tradução portuguesa dos títulos: “À Alegria” (mais conhecido como “Ode à Alegria”), “Os deuses da Grécia”, “Ditirambo”, “Nenia” e “Canção dos cavaleiros de *Wallenstein*”, sendo *Wallenstein* uma trilogia de dramas que Schiller terminou em 1799.

²⁶ (CFP 8-496).

²⁷ Cf. troca de correspondência entre os dois autores em Carlyle (2007).

ambos, leram e discutiram as respectivas obras sobre o autor alemão. O prefácio de Lytton à sua tradução expõe a sua sensibilidade no que toca à dificuldade de transportar a forma musical da poesia original para outra língua, justificando a validade da sua tradução com o argumento de que a poesia de Schiller se edifica em grande medida na força da ideia:

The beauty of diction, the harmony of cadence, may escape the translator. But Schiller's poetry is less in form than in substance – less in subtle elegance of words than in robust healthfulness of thought, which, like man himself, will bear transplanting to every clime. The vocation of his Muse is a Religious Mission; she loses not her spiritual prerogative, though shorn of her stately pageantry, and despoiled of her festive robes. (Schiller 1852: XVI)

Nesta passagem não sublinhada por Pessoa, o autor faz-se valer do binómio forma/substância para atribuir à poesia de Schiller um carácter mormente filosófico. Trata-se, sem dúvida, de um argumento que iliba Pessoa quanto ao seu próprio enunciado de 1912 – acima citado – sobre a obrigação de ler um poeta lírico na língua original, ao passo que a leitura de um poeta epigramático pode ocorrer por via da tradução. E, no entanto, a apurada tradução de Lytton revela uma preocupação formal na preservação da cadência que, quando não flui na métrica original do poema, se vê respeitada num metro escolhido em função das preferências de Schiller e, sobretudo, em função do ouvido do leitor inglês, que melhor fruirá a musicalidade do poema se nela reconhecer cadências que lhe são familiares. Esta teoria anamnésica de cariz platónico anima visivelmente a leitura de Pessoa, que sublinhou inteiramente as duas passagens em que é desenvolvida, sendo estas as únicas sublinhadas em todo o prefácio:

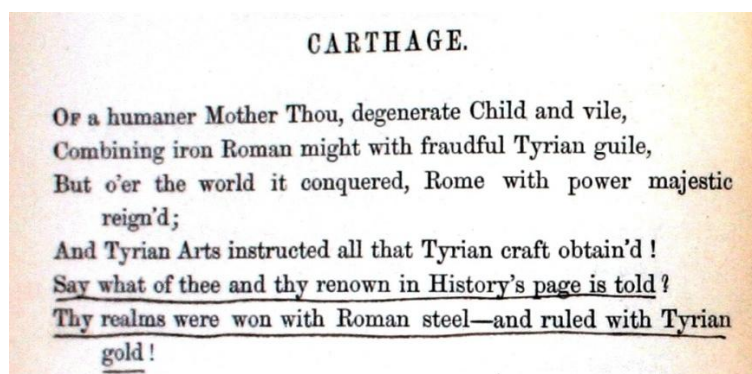
their hexameters, and not on account of them. The essential charm of verse is in its harmony with our previous associations. When we hear a rhythm that we perceive at once to be musical, it is that it strikes upon keys which we have already recognised as music. But we have no more associations with

by the heroic line in another. Why?—simply because the line must, in order to produce the same effect on either audience, consult the previous associations which custom has peculiarised to each. It will therefore

Uma opção que, ao tocar em tónicas a que Pessoa era tão sensível, certamente o terá convencido a abrir mão do seu preceito contra a leitura de lírica traduzida.

No sumário, Pessoa assinala à margem o poema “The Gods of Greece”²⁸, que já conhecia no original da antologia de Meyer (ou viria a conhecer, dado que não podemos determinar qual dos dois livros foi lido em primeiro lugar).

Quanto aos sublinhados no interior do volume, permitem-nos tirar algumas ilações de ordem formal e temática. No que respeita ao primeiro aspecto, observa-se que Pessoa tem tendência a sublinhar versos inteiros, geralmente em conjuntos de dois quando estes se relacionam por via de uma rima emparelhada. Vejamos os exemplos nas páginas 220 (“Carthage”)²⁹, 221 (“Jove to Hercules”)³⁰ e 247 (“Genius”)³¹:

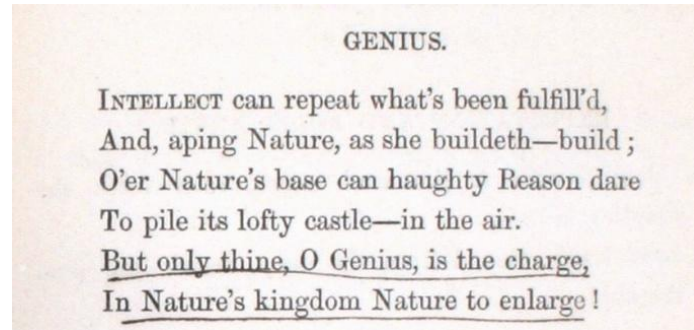
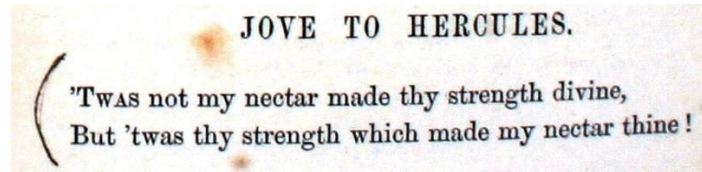


²⁸ Longo poema de Schiller, em que exalta o paganismo em detrimento da adoração do deus cristão, frio e culpabilizador. Para mais informação sobre o poema e sua articulação com as teorias da graça de Schiller, leia-se Fischer 2007: 138. Esta é uma das afinidades temáticas entre Schiller e Pessoa, cuja defesa do paganismo atravessa a sua produção poética e ensaística, em particular sob o nome de António Mora que, num dos escritos não datados, se refere precisamente a Schiller como tendo pecado “(houvesse pecado) na sua utilização do que admirava no paganismo.” (Pessoa 2002: 282). O paganismo como ponto de contacto entre Pessoa e Schiller, nomeadamente através do enaltecimento de Juliano, o Apóstata, é também assinalado por Dix (2006: 12, n.7), segundo o qual “Friedrich Schiller planeou um drama com o título *Julião Apóstata*” enquanto, no espólio de Fernando Pessoa, se encontram “vários poemas onde este se sente como uma reencarnação do imperador”.

²⁹ Versos originais correspondentes à parte sublinhada: “Sprich, was rühmt die Geschichte von dir? Wie der Römer erwarbst du /Mit dem Eisen, was du tyrisch mit Golde regierst.” (Schiller 1906: 179).

³⁰ Versão alemã: “Nicht aus meinem Nektar hast du dir Gottheit getrunken. /Deine Götterkraft wars, die dir den Nektar errang.” (Schiller 1906: 149).

³¹ Versos originais correspondentes à parte sublinhada: “Sprich, was rühmt die Geschichte von dir? Wie der Römer erwarbst du / Mit dem Eisen, was du tyrisch mit Golde regierst.” (Karthago); “Nicht aus meinem Nektar hast du dir Gottheit getrunken;/Deine Götterkraft war’s, die dir den Nektar errang.” (Zeus zu Herkules); “Du nur, Genius, mehrst in der Natur die Natur.” (Schiller 1906: 233).



O modo de assinalar os pares de versos rimados como um todo parece apontar para uma apreciação formal, nomeadamente, de uma mestria na arte da tradução que, supostamente mantendo o sentido (não sabemos se Pessoa coligiu com o original ou com outras traduções), consegue efectivamente versificar conciliando a ondulação própria da poesia germânica com a exigência de rima da parte do ouvido anglófono³². Note-se que em nenhum destes exemplos, a correspondência original é rimada.

Este e muitos outros sublinhados de Pessoa neste exemplar não poderiam porém remeter exclusivamente para uma motivação de ordem formal. Refira-se, apenas a título de exemplo³³, que a exaltação da força do génio por oposição à razão, expressa no poema “Genius”, merece da parte de Pessoa um destaque especial, certamente também por reconhecer nela o desenvolvimento poético da teoria schilleriana da Poesia Ingénua e Sentimental, empregue por Pessoa em 1907 para explicitar uma das suas teses sobre o génio. Quanto ao poema “The Ideal and the actual Life” – profusamente sublinhado e com indicação de uma referência cruzada – um louvor das formas ideais onde o artista recolhe as imagens cuja beleza supera a dor e a mortalidade, poderíamos colocá-lo em diálogo com as reflexões de Pessoa sobre a imortalidade das obras e dos artistas, no conjunto de fragmentos *Impermanence* composto no mesmo período em que adquiriu a

³² Compare-se, só a título de ilustração, a tradução de Lytton do epigrama “Jove to Hercules” com uma tradução inglesa de 1915 do mesmo poema: “Thou hast divinity, son, not acquired by drinking my nectar, / But thy divinity has conquered the nectar for thee.” (Schiller 1915). Mantém-se o sentido mas perde-se completamente a cadência e, por conseguinte, a fruição musical.

³³ A totalidade dos sublinhados de Pessoa neste volume mereceria uma análise sistemática que por motivos de limitação de espaço não pode ser desenvolvida aqui e que será objecto de um estudo futuro.

edição Schiller/Lytton³⁴. Neste, o nome de Schiller é referido, ao lado de Musset, como um dos autores que usufruirá de menor permanência na posteridade por, segundo Pessoa, ser dotado de menos representatividade, definida como a capacidade de “include all sorts of tendencies and currents” (Pessoa 2000b:236). Se, porém, olharmos para o manuscrito³⁵, verificamos o que escapou à vista do editor³⁶: o facto de o nome de Schiller ter sido assinalado por Pessoa com uma marca de dúvida. Uma dúvida eloquente, neste caso, pois que parece revelar, da parte de Pessoa, uma consciência da necessidade de melhorar ainda o seu conhecimento sobre Schiller³⁷ – um gesto de hesitação próprio de um deus pagão que pondera conceder a graça da imortalidade a um poeta que o tocou.

Bibliografia

- Barrento, João. 1986. O sensacionismo português ... fala alemão. *Colóquio Letras*, nº 94, Nov: 5-13.
- Borges, Jorge Luis. 1970. *The Aleph and other Stories, 1933-1969, together with commentaries and an autobiographical essay*. Edited and translated [from the Spanish] by Norman Thomas di Giovanni in collaboration with the author. New York: E.P. Dutton.
- Carlyle, Thomas. 1903. *Sartor Resartus; On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History; Past and Present*. London: Chapman & Hall, Ltd.
- _____. 2007. *The Carlyle Letters Online* (CLO). In <http://carlyleletters.org>, consultado em 19/3/2010.
- Coelho, António de Pina. 1971. *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*. 2 vols. Lisboa: Editorial Verbo.

³⁴ Embora sem indicação de data, *Impermanence* é datável da segunda metade dos anos dez. (Cf. Pessoa 2000b: 38).

³⁵ (BNP/E3,19-84).

³⁶ *Impermanence* também se encontra editado em Pessoa 1966: 273. Trata-se porém de uma edição que, ao contrário da edição de 2000, não contém observações textuais.

³⁷ A leitura do livro de John George Robertson (1913) sobre literatura alemã e integrado na biblioteca particular de Pessoa (CFP 8-470), poderá ter tido influência sobre esta hesitação. Nesta obra, Pessoa assinalou uma frase que destaca a excelência do autor alemão numa vertente poética sobre a qual curiosamente não encontramos qualquer comentário no espólio pessoano – a de dramaturgo: “For Schiller was what none of his predecessors of the «Storm and Stress» had been, the born dramatist.” (Robertson 1913: 99). Terá Pessoa – para quem o aspecto dramático era essencial – ao ler esta passagem sobre Schiller-dramaturgo, tomado consciência da sua limitação para poder julgá-lo?

- Dix, Steffen. 2006. Da crítica à sociologia da religião. Uma viragem e seu impacto sócio-cultural. *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*. Ano V, n. 9/10: 9-24.
- _____. 2008. Goethe. In *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editado por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Caminho.
- Ferrari, Patricio. 2009. A biblioteca de Fernando Pessoa na génese dos heterónimos: Dispersão e catalogação (1935-2008); A arte da leitura (1898-1907). In *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Jerónimo Pizarro, org. 2.ª edição. Lisboa: Texto Editores.
- Figueiredo, João Pinto de. 1983. *A Morte de Sá-Carneiro*. Lisboa: Dom Quixote.
- Fischer, Claudia J. 2007. *Schiller e Kleist, a propósito de graça*. Tese de Doutoramento em Teoria da Literatura, Universidade de Lisboa. http://www.fl.ul.pt/posgraduados/teoria_literatura/Fischer2.pdf, consultado em 10/3/2010.
- Lind, Georg Rudolf. (s.d.). A Biblioteca Fernandina, recorte de jornal desconhecido, p.1. Arquivado no espólio de Pessoa com a cota BNP/E3, Anexo 3-1.
- Meyer, Richard Moritz, ed. 1909. *Die hundert besten Gedichte der deutschen Sprache. Lyrik*. London: Gowans.
- Pessoa, Fernando. 1966. *Páginas de Estética e Teoria Literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- _____. 1968. *Textos Filosóficos*, vol. I. Ed. e pref. António de Pina Coelho. Lisboa: Ática.
- _____. 2000a. *Crítica. Ensaios, Artigos e Entrevistas*. Ed. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. 2000b. *Heróstrato e A Busca da Imortalidade*. Ed. Richard Zenith, trad. Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. 2002. *Obras de António Mora*. Ed. Luís Filipe B. Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- _____. 2006. *Escritos sobre Génio e Loucura*. Ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- _____. 2009. *Cadernos I*. Ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pizarro, Jerónimo. 2006. A representação da Alemanha na obra de Fernando Pessoa. *Românica*, 15, 95-108.

- Pizarro, Jerónimo, Patricio Ferrari e António Cardiello. 2010. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, Acervo Casa Fernando Pessoa, vol. I., Lisboa, D. Quixote.
- Prista, Luís. 2001. Pessoa e o Curso Superior de Letras. In *Memória dos Afectos*. Org. Manuel G. Simões, Ivo Castro, João David Pinto Correia. Lisboa: Ed. Colibri, 157 – 185.
- Ribeiro, António Sousa. 2005. ‘A tradition of empire’: Fernando Pessoa and Germany. *Portuguese Studies*, vol. 21, p. 201 – 209.
- Robertson, John George. 1913. *The Literature of Germany*. London: Williams & Norgate; New York: Henry Holt & Company; Toronto: W. M. Briggs; India: R. & T. Washbourne, Ltd.
- Sá-Carneiro, Mário de. 1979. *Cartas a Fernando Pessoa*, vol. II. Lisboa: Ática.
- Saraiva, Arnaldo. 1996. *Fernando Pessoa. Poeta-Tradutor de Poetas*. Porto: Lello Editores.
- Schiller, Friedrich. 1852. *The poems and the ballads of Schiller*. Transl. by Edward Bulwer Lytton. 2nd edition. Edinburgh & London: William Blackwood and Sons.
- _____. 1906. *Schillers Gedichte und Erzaehlungen*. Grossherzog Wilhelm Ernst Ausgabe. Leipzig: Inselverlag.
- _____. 1915. *Goethe and Schiller's Xenions*. Selected and translated by Paul Carus, 2nd edition. Chicago, London: The open Court Publishing Company.
- Weber, W. E. 1913. *German Self-Taught by the Natural Method, with Phonetic Pronunciation. Thimm's System*. London: E. Marlborough & Co.